

COMPREENSÃO DO SOFRIMENTO PSÍQUICO EM INDIVÍDUOS TRANS: UMAREFLEXÃO A PARTIR DA PERSPECTIVA HUMANISTA

Érica Priscila de Lima Santos¹

Rayane Larissa de Lima²

Mariana Cela³

RESUMO

Este trabalho pretende discutir sobre a identidade de gênero, que determina a identificação de cada indivíduo com um gênero (masculino, feminino, ambos ou nenhum), podendo ser ou não o mesmo corresponder ao sexo biológico, e de forma mais objetiva, abordaremos sobre a transgeneridade. Pretende-se relacionar a condição do ser transgênero com a teoria existencialista, a fim de provocarmos uma reflexão voltada para o tema e assim evidenciar a condição desse indivíduo, de modo que possamos refletir e estabelecer um debate crítico acerca de questões relacionadas às identidades trans e sobre o processo de construção da subjetividade, que por diversas vezes, é diretamente afetado por questões sociais envolvendo o tema e provocando grande sofrimento psíquico ao sujeito trans.

Palavras-chave: Identidade. Gênero. Transexualidade. Sofrimento.Existencialismo.

COMPREHENSION OF PSYCHIC SUFFERING IN TRANSGENDER: A REFLECTION FROM THE HUMANIST PERSPECTIVE

ABSTRACT

This paper aims to discuss gender identity, which determines the individual gender identification (as male or female, both or none), that may or not be correspondent to the biological sex. It aims to investigate about transsexuality. It is

¹Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNIRN). E-mail:ericaprici1731@gmail.com

²Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNIRN). E-mail:rayanelarissa@hotmail.com

³Professora Orientadora. do Curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNIRN). E-mail:mariana.cella@gmail.com

intended to relate the transgender people condition to existentialist theory, in order to provide a better understanding on this life condition, to support a critical debate about trans identity and the subjectivity construction process, which on several occasions is affected by social issues surrounding the theme and induce psychological suffering to the people trans.

Keywords: Gender. identity. Transsexuality. Suffering. Existentialism.

1INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende discutir sobre a identidade de gênero e, de forma mais específica, às identidades trans. Será realizada uma revisão sobre a diversidade de conceitos existentes, no que diz respeito ao sexo, gênero e transgênero, a fim de compreender a importância deste assunto, e assim provocarmos uma reflexão acerca das problemáticas que envolvem o universo trans. Além disso, pretendemos produzir informações que possam ser utilizadas como ferramentas capazes de reduzir o sofrimento psíquico a qual estes sujeitos estão submetidos.

Colocar em evidência a temática sobre a transexualidade vai além de discutir sobre os parâmetros que regulam a norma de gênero, consiste também, em adentrar nos aspectos causadores de sofrimento. Neste sentido, o objeto desta pesquisa refere-se à necessidade de investigar sobre as condições emocionais da pessoa trans, discutindo como as divergências entre a percepção de si, relacionada aos comportamentos e desejos, e as características físicas são fontes de sofrimento psíquico, e ainda são consideradas, pela sociedade, como uma patologia.

Será apresentado também como a identidade pessoal é composta pelo equilíbrio entre a mente e o corpo, e ressaltaremos os aspectos sociais que promovem a exclusão deste público, e que são parâmetros reforçadores da intolerância num cenário que deveria ter políticas de promoção à igualdade de todos os cidadãos.

Entender as diferenças do que é "ser homem" ou "ser mulher" vai além das determinações biológicas, está diretamente vinculado a comportamentos que são ensinados desde a mais tenra infância. Dessa forma, esta discussão é importante,

na medida em que desconstrói os estigmas estabelecidos socialmente sobre a compreensão normatizadora dos padrões heterossexuais, e promove o bem-estar do sujeito.

Além disso, é fundamental, refletirmos sobre aspectos sociais e históricos que colaboram para a construção da visão generalizada que a sociedade possui em relação à sexualidade, e como essas questões se misturam com as noções de gênero que são amplamente difundidas, e que por diversas vezes, provocam distorções conceituais relacionadas ao tema, fomentando a violência e o preconceito direcionados para este público.

Sendo assim, a relevância deste trabalho consiste em explorar o universo trans, buscando evidenciar a subjetividade do indivíduo transgênero de forma reflexiva, analisando sua existência a partir de uma perspectiva humanista que contribui para construção de sua identidade e compreensão de seu sofrimento.

Neste sentido, o tema será explorado a fim de fornecer insumos para enriquecer o escopo teórico, bem como problematizarmos a patologização da transgeneridade, e ainda caminharmos no sentido da criação de políticas públicas e espaços de acolhimento para o sujeito trans. Além disso, é importante inserirmos esses sujeitos nos mais diversos contextos da sociedade para que possamos construir um cenário de igualdade nas oportunidades e colocar em prática o respeito e a tolerância diante das diferenças.

A partir disso, é preciso utilizar as concepções de diversidade para tornar mais eficaz as iniciativas de inclusão dos sujeitos que possuem características distintas entre si, sejam elas de natureza relacionada ao gênero, sexualidade, raça, classe social, entre outros. No sentido de reconhecer as diferenças e promovermos o respeito, principalmente nas questões direcionadas ao sexo, gênero e sexualidade é importante conhecermos as especificidades de cada conceito mencionado, e a partir disso construir um espaço de debate mais claro e coerente com a realidade e considerando as diferenças de cada indivíduo.

2METODOLOGIA

O método utilizado neste trabalho será a pesquisa bibliográfica de caráter descritivo, que tem como escopo central o levantamento das informações mais representativas e relevantes para a temática do sofrimento psíquico em sujeitos

trans.

Esta metodologia se configura, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 54):

Quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa.

Para elaboração deste projeto foi necessário explorar a diversidade de conceitos relacionados à identidade de gênero e transexualidade, bem como buscar artigos que explorassem o sofrimento psíquico deste público. Foi realizada uma revisão na literatura, a partir da análise de publicações que traziam o tema como objeto central.

Para aperfeiçoamento frente ao conteúdo dessa obra, buscamos embasamento em obras literárias como *Ser e Tempo* de Martin Heidegger (2006), *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*, e *o que é transexualidade* de Berenice Bento (2006, 2012), Além disso, fundamentamos a pesquisa nas obras: *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* de Judith Butler (2003); *Corpo, gênero e sexualidade: Políticas de subjetivação* da antropóloga Fátima Lima (2014), *Orientações sobre identidade de gênero* de Jaqueline Gomes de Jesus (2012), *Gênero, sexualidade e Educação* de Guaracira Lopes Louro (2000), e o *Manual Diagnostico e Estatístico de Transtornos Mentais* (APA, 2014).

A seleção das referidas obras ocorreu em razão da forma como o tema foi abordado, uma vez que a experiência trans é colocada de maneira a entender o fenômeno a partir de uma referência subjetiva, colocando o sujeito e os aspectos causadores de sofrimento em evidência, a fim de construir um espaço de debate e evidenciando o fenômeno do ponto de vista social e desconstruindo a ideia de patologia.

O material foi encontrado através de pesquisa realizada na rede mundial de computadores utilizando-se as seguintes palavras chaves: Transexualidade, identidade de gênero, transgêneros, transexual, sofrimento. Foram captados conteúdos em artigos disponíveis em veículos especializados em publicações científicas como Scielo, Google acadêmico e Pepsic.

Levando-se em consideração os aspectos apresentados, esta pesquisa

possui fundamentação teórica na qual foi produzida através de uma contínua revisão da literatura. Localizamos e alcançamos resultados através de documentos que poderão nos auxiliar em torno das questões evidenciadas no trabalho, de modo a atualizar o conhecimento do tema e proporcionar a construção de um arcabouço teórico que viabilize uma discussão mais desenvolvida sobre a problemática do indivíduo transgênero e as implicações psíquicas dessa condição para o sujeito.

3REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 ENTENDENDO A SEXO, GÊNERO E O TRANSGÊNERO

A temática sobre a identidade de gênero tem despertados cada vez mais interesse da comunidade acadêmica. Contudo, para iniciarmos um debate de forma contundente sobre o universo trans e promovermos uma reflexão que forneça argumentos sólidos para a compreensão do tema, é necessário diferenciar sobre a construção das noções de sexo, gênero e transgênero.

No âmbito das ciências biológicas a determinação do sexo é compreendida a partir das diferenças existentes nas células reprodutivas. Neste sentido, Jesus (2012, p. 8) afirma que “O que determina o sexo de uma pessoa é o tamanho das suas células reprodutivas (pequenas: espermatozoides, logo, macho; grandes: Óvulos, logo, fêmea)”.

Nesta perspectiva, Goellner (2010, p.75) defende que o termo sexo “é usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa”. Sendo assim os órgãos genitais determinam somente a classificação enquanto sexo biológico.

No que diz respeito à sexualidade, é possível afirmar que este conceito está ligado às crenças e comportamentos construídos ao longo da história e que determinam que homens e mulheres experimentem seus desejos e prazeres. Nesta perspectiva, Goellner (2010, p.76) afirma que “O termo orientação sexual é utilizado para contemplar a diversidade de possibilidades de viver a sexualidade, pois significa a orientação que cada sujeito dá ao exercício de sua sexualidade”.

Já a concepção de gênero determina a identificação de cada sujeito com o universo masculino ou feminino, referindo-se assim, ao processo de distinções entre homens e mulheres no que diz respeito à estrutura biológica, papéis sociais, aos

comportamentos e emoções.

A norma de gênero é utilizada para categorizar os indivíduos de acordo com seu sexo, determinando a criação de padrões de comportamentos esperados para cada pessoa. Dessa forma, para ser aceito, socialmente, o gênero do sujeito deve estar em consonância com o formato genital (Pênis ou Vagina). Sobre isso Bento (2006, p.13) afirma que: “A norma de gênero repete que somos o que nossas genitálias informam. Esse sistema, fundamentado na diferença sexual, nos faz acreditar que deve haver uma concordância entre gênero, sexualidade e corpo”.

Contudo, Waimeret al., (2016, p.74) defende que “O gênero caracteriza-se como um processo de aprendizagem, não inato, que refere-se à identidade através da representação de papéis sociais.” Dessa forma, a socialização determina a internalização de comportamentos diferentes para homens e mulheres. A identificação relacionada ao gênero não estar ligada somente aos aspectos biológicos.

Sobre isso Goellner (2010, p.75) afirma que:

O gênero, portanto, não é algo que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino. Em outras palavras, o corpo é generificado, o que implica dizer que as marcas de gênero se inscrevem nele.

Entende-se assim, que gênero consiste num processo de construção social, e que as características típicas do universo masculino ou feminino, não existem na ordem natural.

Assim, Bento (2012, p. 17) afirma que:

O sistema binário (masculino versus feminino) produz e reproduz a ideia de que o gênero reflete, espelha o sexo e que todas as outras esferas constitutivas dos sujeitos estão amarradas a essa determinação inicial: a natureza constrói a sexualidade e posiciona os corpos de acordo com as supostas suposições naturais.

Para Lima (2014, p. 21), os gêneros são primariamente ficcionais, ou seja, uma questão de interpretação onde os corpos se materializam através da repetição que está entre a norma e o sexo. O gênero é concebido dentro desse movimento, se desenvolvendo nessas repetições, legitimando e admitindo o binarismo e o padrão heteronormativo causando inclusão e exclusão que produz uma “falsa estabilização

de gênero”, apesar disso é oportuno ressaltar que esta materialização apresentam modelos políticos consideráveis que abrem caminho a estigmatização que em sua maioria das vezes é excludente aos que não se encaixam no padrão normativo.

Em nossa sociedade os sujeitos que se identificam com o gênero atribuído em seu nascimento são denominados de cisgênero. No que diz respeito às concepções relacionadas às identidades trans, Jesus (2012, p.25) defende que "Transgênero é um conceito que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento". Neste sentido, Bento (2008, p. 18) sugere que "a transexualidade é uma experiência identitária, caracterizada pelo conflito com as normas de gênero".

Entende-se que o sujeito trans caracteriza-se pelo contraste relacionado à sua identidade de gênero e a anatomia de seu corpo. Assim, Bento (2006) defende que transexualidade consiste em expressões múltiplas de identidade que emergem em resposta a um sistema que organiza a vida social e determina os comportamentos esperados baseado num sistema que cria sujeitos normais e anormais, a partir de uma verdade baseada na estrutura de seus corpos.

Nesta perspectiva, além dos indivíduos trans, as dragquees, os drag Kings, entre outros são exemplos de pessoas que não vivem o gênero conforme padrões estabelecidos de vagina-feminino e pênis-masculino.

Cardoso (*apud* MORENO, 2010, p.38) descreve que:

Dragqueens são homens que adotam o gênero feminino de maneira mais aprimorada e exagerada, por intuito artístico e/ ou profissional, somente por algumas horas. Travestismo, por sua vez, refere-se basicamente à necessidade de trajar roupas ou acessórios do sexo oposto durante o ato ou fantasia sexual. Por último, a transexualidade ultrapassa o simples trajar de vestimentas e envolve a insatisfação total em relação ao sexo biológico, considerando, por vezes, o órgão sexual como motivo de rejeição, raiva ou embaraço.

Neste sentido, Bento (2012, p. 20) relata que “Transexualidade, travestilidade, transgênero são expressões identitárias que revelam divergências com as normas de gênero uma vez que estas são fundadas no dimorfismo, na heterossexualidade e nas idealizações”.

A normatividade determina a que gênero o sujeito pertence baseando-se nas características biológicas. Contudo, a experiência trans coloca em debate os

constructos da identidade sexual e de gênero na nossa sociedade, uma vez que a identificação de gênero deverá refletir as características biológicas do indivíduo, provocando, em alguns casos, sofrimento aos sujeitos que não estão enquadrados nesse padrão. A partir disso, Bento (2006, p.22) defende que "a identidade de gênero, as sexualidades, as subjetividades só apresentam uma correspondência com o corpo quando é a heteronormatividade que orienta o olhar".

Waimeret al. (2016, p.72) descreve que "A identidade trans é tida como uma manifestação do entender pessoal sobre seu corpo, sua sexualidade, sua identidade e, sobretudo, seu viver". Logo, a experiência trans consiste em evidenciar os padrões de gênero na sociedade, e ultrapassar os limites da heteronormatividade. Explorando assim, todas as possibilidades de existir, sem necessariamente, corresponder a um modelo pré-existente.

3.2 O SOFRIMENTO PSÍQUICO DO SUJEITO TRANS

A nossa organização social estabelece um modelo pré- determinado baseado na premissa de que o gênero deve concordar com a anatomia. Contudo, o ser trans contesta esses paradigmas, uma vez que se configura a partir da discordância entre a identidade do sujeito e sexo biológico. Sendo assim, a experiência trans consiste em um conflito de identidade de gênero que ultrapassa os padrões socialmente estabelecidos.

O sofrimento vivenciado pelo sujeito trans está na busca por reconhecimento e pertencimento com gênero que se identifica. Esta é uma experiência permeada por diversos conflitos nas esferas pessoal, profissional e político.

No que diz respeito aos conflitos vivenciado por estes sujeitos, Bento (2012, p.22) escreveu que:

Transexualidade é uma experiência identitária, que está relacionada à capacidade dos sujeitos construir novos sentidos para os masculinos e os femininos, não significa esquecer a dor e a angústia que marcam as subjetividades daqueles que sentem e desejam viver experiências que lhes são interditas por não terem comportamentos considerados apropriados para seus sexos.

O indivíduo trans sente que seu corpo não reflete sua subjetividade, ou seja, a maneira como pensa e se comporta. Esta pessoa deseja equiparar o próprio corpo

com o gênero de identificação, adotando comportamentos, no uso de roupas, trocando o nome, submetendo-se a tratamentos hormonais e até procedimentos cirúrgicos. Segundo Bento (2012, p.23) "As narrativas das pessoas transexuais nos remetem para um mundo de dúvidas, angústias, solidão e um medo constante de serem rejeitados".

Além disso, o ser trans convive com a dor e a rejeição diante daquilo que enxerga em seu corpo, bem como com as exigências sociais em relação aos seus comportamentos e desejos. Essas pessoas são vítimas de preconceito, apresentam dificuldades de relacionamentos, encontram dificuldades de inserção no mercado de trabalho, uma vez que sua aparência não condiz com as informações de seus documentos, e na maioria dos casos, a família não entende e aceita esta condição.

O sujeito trans não se enquadra nos padrões de gênero já estabelecidos, e por esta razão sofre quando são colocados num quadro patológico em virtude da não identificação com o sexo biológico. Neste sentido, Bento (2012, p. 18) relata que "Definir a pessoa transexual como doente é aprisioná-lo, fixá-lo em uma posição existencial que encontra no próprio indivíduo a fonte explicativa para seus conflitos, perspectiva divergente daqueles que a interpretam como uma experiência identitária".

De acordo com Silva et. al (2013) existe uma tendência na sociedade em tornar patologia as expressões e comportamentos que não estão de acordo com o modelo heteronormativo. Sendo assim, observa-se que a condição do ser trans está classificada nos manuais internacionais de diagnósticos como sendo um quadro de transtorno de gênero.

Contudo, esta experiência não corresponde a um quadro patológico, e esses sujeitos não odeiam os seus corpos em sua totalidade, somente, em alguns casos, apresentam aversão ao órgão genital (BENTO, 2009). Dessa forma, é importante esclarecer que o fenômeno trans pode ser manifestar de diversas formas, e não obrigatoriamente, o sujeito que se identifica com o gênero oposto ao seu sexo biológico está buscando a cirurgia de transgenitalização.

De acordo com Bento (2006) para a realização da cirurgia de transgenitalização, o sujeitotrans deverá submeter-se a um programa que estabelece regras para sua vida. Essas regras são materializadas através de protocolos, que visam à criação de mecanismos para a produção do diagnóstico final e, assim, definir se a cirurgia deve ou não ser realizada.

Bento (2009, p. 111) relata que "A experiência transexual revela traços

estruturantes das verdades para gêneros, para as sexualidades e subjetividades. Nessa experiência, o que nos constitui é revelado com tons dramáticos que são analisados pelos protocolos médicos como enfermidades".

A pessoa trans, muitas vezes, vivencia sofrimentos e necessita da garantia do seu direito à saúde, como também do direito de dispor de seu corpo, do direito a realização da cirurgia de adequação de sexo, do direito à livre orientação sexual, e principalmente merece ter direito a sua dignidade humana, compreendida e respeitada (PEREIRA, 2010).

Jesus (2012, p.11) aponta que:

Historicamente, a população transgênero ou trans é estigmatizada, marginalizada e perseguida, devido à crença na sua anormalidade, decorrente da crença de que o "natural" é que o gênero atribuído ao nascimento seja aquele com o qual as pessoas se identificam e, portanto, espera-se que elas se comportem de acordo com o que se julga ser o "adequado para esse ou aquele gênero".

Apesar de represálias, do preconceito e da não aceitação da sociedade, a comunidade trans segue em uma luta desbravada estando inserida como parte do Movimento de Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBTTT), sendo em suas características enquanto movimentos diferentes, pois o Movimento Transgênero possui contestações particulares, atuam em uma luta constante pela despatologização e contra a medicalização, em busca do direito à mudança de nome que esteja de acordo com sua identidade de gênero, ao acesso ao sistema de saúde sem atendimento discriminatório, a políticas públicas em geral que possam incluí-los constitucionalmente. É no final no século XX um forte desdobramento do Movimento LGBTTT impulsionando meios para promover mudanças políticas e jurídicas (GARII apud ÁVILA; PILLAR; GROSSI, 2010, p. 2).

Utiliza-se a nomenclatura "transfobia" para designar as discriminações e violências contra as pessoas transgênero. De acordo com Jesus (2012, p.11):

Em nosso país, o espaço reservado a homens e mulheres transexuais, e a travestis, é o da exclusão extrema, sem acesso a direitos civis básicos, sequer ao reconhecimento de sua identidade. São cidadãos e cidadãs que ainda têm de lutar para terem garantidos os seus direitos fundamentais, tais como o de direito a vida, ameaçado cotidianamente.

Rodriguez (2014) aponta que as pessoas trans assim como a maioria dos LGBT's vivenciam a discriminação nos âmbitos públicos e privados, principalmente

no que diz respeito ao acesso aos serviços de saúde, já que há neste campo predominância da visão biologicista e patologizante, como também a falta de debate e capacitação dos profissionais da área para minimizar o estresse e constrangimento que determinadas situações na atenção à saúde podem despertar quando envolvendo uma pessoa trans. O desrespeito e a falta de sensibilidade para com o sujeito trans tendem com que a percepção de si deste indivíduo dentro deste contexto seja de sujeito estigmatizado, por consequência de não corresponder as regras heteronormativas. Evidenciando que esta marca do estigma por ser transgênero causa um sofrimento desmedido uma vez que sua subjetividade não é considerada, que seu nome social não tem valia nos atendimentos causando constrangimento, que seu desejo de integração não se faz presente.

4 PERSPECTIVA DO SER TRANS PARA O EXISTENCIALISMO

Aos olhos da perspectiva humanista – existencial podemos dissertar a temática de identidade de gênero norteados com base na fenomenologia – existencial, que conta com o filósofo Martin Heidegger (1889-1976) que em suas obras como *Ser e Tempo* publicado originalmente em 1927, objetivava exhibir a manifestação do Ser. A princípio Heidegger nos aponta o ente humano, que os conhece bem e pode nos indagar. “O ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos. O ser deste ente é sempre e cada vez meu” (HEIDEGGER, 2006, p. 85). Com esta obra fornece para a psicologia sua contribuição, professando uma forte influência pelo novo modo de ver o ser humano. Heidegger em sua vertente teórica buscava entender o homem dentro de suas condições existenciais, desconsiderando comparações mecanicistas e naturalistas frisando a liberdade o Ser em sua condição ontológica. Traz o conceito de ser humano não apenas relacionado a corpo e mente.

Segundo Heidegger (2006), é essencial figurar o ser humano como um ser-no-mundo, não podendo ser o homem notado como separado deste mundo. Para identificar o homem em seu modo ser o filósofo utiliza o termo *Dasein* que significa o ser-aí, sendo junção do ente e ser, com um dado ôntico que diz respeito ao corpo que está ligado ao seu ente e um dado ontológico que é sua construção subjetiva que diz respeito ao ser. Logo, uma pessoa pode ter um determinado sexo (ôntico) e sua identificação de gênero (enquanto ontológico) ser diferente. Portanto, o *Dasein*

vem ser o ente evidenciado pelo Ser, sendo o homem uma relação constante com seu próprio ser, ou seja, o ser do homem é uma interrogação para ele mesmo incluído no cotidiano de sua existência. Dentro deste contexto Heidegger expõe a angústia como uma peculiaridade, que ilustra o ser-no-mundo como se é, em sua ligação como o mundo e os outros.

O indivíduo transgênero existe no mundo com uma dimensão ôntica física e existe no mundo também com uma dimensão ontológica que é o seu ser, sua construção subjetiva, sendo seu gênero enquadrado como ontológico. Existe no mundo independente de seu sexo enquanto ente. “A ‘sua universalidade’ deve ser procurada ainda mais alto” (HEIDEGGER, 2006, p. 78). Para compreender o ser-no-mundo devem-se considerar três fenômenos que são: “em-um-mundo”, que vem questionar a estrutura ontológica de “mundo” e estabelecer o conceito de mundanidade como ele é; o ente sempre é, de acordo com a forma de ser-no-mundo, indica quem é e está na forma em seu cotidiano em meio a presença; e por último o ser-em como tal, que mostra a constituição ontológica do ser. A pessoa trans necessita construir-se enquanto ser-no-mundo, assim como toda pessoa precisa, sendo aquele que existe, que constrói sua essência nesta relação dialética da mundanidade.

Seu posicionamento é crucial para estruturação de sua identidade diante à sociedade que discrimina e hostiliza-os pelo simples fato de ser, sociedade esta, que constrói e é construída, respaldada da medicina classificatória que coloca a pessoa trans no lugar portador de transtorno de identidade de gênero através do Manual Diagnostico de Transtornos Mentais (APA, 2014), que em sua 5ª edição fracionou os Transtornos Sexuais e de Identidade de Gênero em então três recentes capítulos: Disfunções Sexuais, Disforia de Gênero e Transtornos Parafílicos. Enquanto fenômeno de unidade, o ser possui em sua frente possibilidades e escolhas. A nomenclatura transgênero, não retira deste a sua condição de Ser-no-mundo, sua existência precede sua presença, na qual o possibilita poder ser si próprio (HEIDEGGER, 2006, p. 46).

Ao compreender o indivíduo trans faz-se necessário entendê-lo em sua essência, singularidade, em sua expressividade dentro daquilo que é e que povoa sua existência. Sabendo que, este não deve ser formulado ou engessado a um padrão social que prever regras e condutas. Mas considerando que o indivíduo transgênero, existe além do gênero de fato, que possui projeto de vida expressos

em corpo e alma, entendendo que não se deve reduzi-lo apenas ao biológico, uma vez que o *dasein* é o *ser-no-mundo*.

4.1 PERCEPÇÃO DE SI

Desde o nascimento, cada ser se comporta de acordo com o que é lhe ensinado pelos seus provedores. Durante sua construção social aprendem a agir e a estar em concordância com seu gênero biológico, este, que já foi previamente determinando antes mesmo de sua vinda ao mundo através de exames médicos ou após ser dado à luz (JESUS, 2012). Entretanto, paralelo à construção social imposta pelo meio, existe a subjetividade do ser, sua condição ontológica que não há como ser determinada em qualquer das hipóteses por outrem que não seja si mesmo.

Na experiência trans, a construção da própria identidade compreende o entendimento de que sua genitália não está de acordo com o gênero atribuído, e que este corpo é o responsável por impedir o sujeito de viver a sua identificação de forma plena (Bento, 2009). Sendo assim, O processo de descobrimento do próprio corpo, bem como a construção de sua identidade de gênero é marcado por grandes conflitos no âmbito social e emocional.

Bento (2006) relata que ter um pênis ou uma vagina e não ser identificar com o gênero atribuído, significa não corresponder às expectativas da sociedade e não conseguir desenvolver o gênero "apropriado" para seu sexo. Se por um lado, o sujeito se sente pertencente ao gênero oposto ao seu sexo biológico, por outro, é cobrado socialmente a corresponder aos padrões estabelecidos.

Ao analisarmos aos fundamentos da construção social do corpo na pessoa trans nota-se que para alguém ser reconhecido socialmente pertencente a um gênero específico deve estar inserido em uma matriz normativa. Contudo, Goellner (2010, p. 73) afirmar que "o corpo não é algo que está dado a priori. Ele resulta de uma construção cultural sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos etc".

A partir disso, Bento (2009, p. 97) menciona que:

A descoberta do corpo sexuado é um momento de atribuição de sentido para as várias surras, insultos e rejeições familiares. Ter um/a pênis/vagina e não conseguir agir de acordo com as expectativas, ou seja, não conseguir desenvolver o gênero "apropriado" para seu sexo, é uma descoberta vivenciada com grande surpresa para alguns/ algumas.

Para alguns trans, a convivência com a genitália representa vergonha, e a relação com o próprio corpo é marcada por um processo de angústia. Caracterizando-se assim, uma experiência de dor e sofrimento psíquico. Para demonstrar o sentimento do sujeito trans em relação ao órgão genital, Bento (2009) descreve que em alguns relatos são utilizadas expressões como “aquela coisa”, “aquilo”, “um pedaço de carne”, ao invés das palavras pênis ou vagina.

Diante do exposto, dentre os trans existem aqueles que desejam a alterar as características anatômicas através da cirurgia de trangenitalização, uma vez que acreditam ser este a causa de seu sofrimento. De acordo com Benjamin (2001 apud BENTO 2012, p. 60) "O horror que as pessoas transexuais sentem por seu órgão genital é fundamentalmente porque não lhes permite ter relações sexuais. A motivação principal para demandá-las seria a vontade de exercer a sexualidade "normal" e como uma pessoa "normal"".

Bento (2009, p. 100) relata que:

Para os transexuais masculinos, a menstruação e os seios anunciam o fim dos sonhos, da liberdade e a impossibilidade de se tornarem homens e, por outro lado, a separação definitiva dos mundos dos gêneros a partir dessas diferenças. A descoberta do corpo sexuado impõe a tarefa de relacionar-se com as partes do corpo responsáveis pela rejeição que sofrem, ao mesmo tempo em que desencadeiam uma busca para se definirem, para encontrar respostas e modelos que lhes possibilitem construir identificações.

É através da subjetividade que o sujeito trans consegue ter uma interpretação de si mesmo. Com isso, a percepção de si mesmo torna-se consciente e por consequência essa percepção se defronta com a inadequação aos parâmetros heteronormativos. Pelo fato de seus órgãos genitais estarem em desarmonia com sua identidade de gênero, isso pode desencadear o sofrimento psíquico a cerca de sua identidade. A sociedade com suas argumentações deterministas promove uma cultura em que o sexo obrigatoriamente precisa estar acompanhado de tal conduta, ou seja, aquele que nasce com o sexo masculino denominasse homem devendo aderir a todas as características que configuram este sexo e da mesma forma aquela que nasce com sexo feminino denominasse mulher, desconsiderando o eu do sujeito que a partir disso colidi com o preconceito e a intolerância.

Para Judith Butler (2003, p. 41) “Assim, a destruição da categoria do sexo representaria a destruição de um atributo, o sexo, o qual, por meio de um gesto

misógino de sinédoque, tomou o lugar da pessoa, do cogito autodeterminador”. Portanto, com essa elucidação da autora, notasse que a subjetividade do transgênero não é analisada devido soberania das normas heterossexuais que regem a sociedade. Todavia é primordial a desconstrução dessas concepções sociais no tange a binaridade de gênero, uma vez que existe uma diversidade de gênero bem com a identidade de gênero, não podendo ser confundida como patologia, mas sendo compreendida como manifestação da identidade que reivindica poder manifestar-se de forma autêntica.

Dado o exposto, é visto que a percepção de si do indivíduo trans a princípio é conflituosa, entender-se em sua construção subjetiva não é tarefa fácil quando sua subjetividade é ferida pela sua concretude, quando o ontológico se esbarra com o corpo que de fato que lhe foi atribuído, a discordância entre sexo e gênero aparece. As indagações tornam-se parte do cotidiano, o questionamento sobre si é persistente. O desconforto com o corpo viram feridas que não cicatrizam, uma dor que não passa, já que se mostrar de forma autêntica é o mesmo que afrontar normas sociais, consequentemente não ser inserido na mesma. Com a contemplação consciente do reconhecimento de si, o transgênero entende que sua identidade independe de suas condições biológicas, seu sexo, podendo ou não causar danos psíquicos. Neste contexto, Butler (2003, p. 108) clarifica que “O corpo fantasiado jamais poderá ser compreendido em relação ao seu corpo real; ele só pode ser compreendido em relação a uma outra fantasia culturalmente instituída, a qual postula o lugar de “literal” e do “real””. Dessa forma é compreendido que o corpo real não limita a manifestação do ser. O gênero enquanto construção social passa ser admitido como construção subjetiva.

Acentua-se que neste processo de percepção de si, o sujeito trans além de se perceber busca ser percebido, dá forma que é, exibindo seu ser e sendo compreendido como fenômeno que se apresenta. Para isso, o apoio de seus pares e compreensão real de sua identidade facilitara a internalização do que se é, dando-lhe suporte para reivindicação de direitos e de liberdade se expressar sem receio.

Merleau-Ponty (1999) por sua vez, elucida que a percepção tem essencialmente a função de construir conhecimento ou de abrir portas para o mesmo. Com isso, nota-se que o saber se faz ferramenta primordial na caminhada pela igualdade gêneros. Enquanto sujeito, sendo o trans, um corpo que intermédia as experiências com o mundo, que perceber-se e deve ser percebido como se define.

Assim, se perceber enquanto transgênero é posicionar-se para que seja visto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As noções de gênero e sexo apresentadas são utilizadas para organizar a sociedade e estabelecer padrões de comportamentos aceitáveis. Contudo, é preciso repensar e discutir sobre esse modelo, uma vez que, são múltiplas as formas de viver a identidade e a subjetividade do ser.

A experiência trans concebe o sujeito de modo singular, uma vez que a sua identificação de gênero não estar ligada a determinações biológicas, e coloca em questionamento os fundamentos norteadores da construção do feminino e masculino. A existência do ser permite uma diversidade de possibilidades em viver a identificação do gênero, e esta diversidade não, necessariamente, deverá concordar com os parâmetros da heteronormatividade. Sendo assim, é preciso ampliar o olhar para a experiência humana de viver, e reconhecer que a identificação de gênero ultrapassa os padrões da sociedade e as determinações biológicas. É preciso desconstruir as normas de gêneros que determinam que a verdade do sujeito reside em sua genitália.

A patologização dessa experiência consiste em uma violência contra a subjetividade do indivíduo, e reforça um modelo normativo baseado em pilares que institui padrões, e marginaliza a diversidade de expressar a identidade de gênero. Sendo este, mais um fator de sofrimento psíquico.

No que tange este enredo, povoam incontáveis conflitos. O bullying se faz presente da infância à fase adulta, em todos os espaços da sociedade que um trans possa ocupar. A “inadequação” social provoca desde a estranheza por ignorância para pessoas menos instruídas até a ira dos conservadores. Desta forma, fazer parte da sociedade torna-se sempre uma luta por direitos que quase sempre são negligenciados.

No âmbito da psicologia, a abordagem fenomenológica compreende essa experiência de maneira integral, buscando a compreensão do fenômeno a partir da singularidade, sem rótulos ou pré-julgamentos. Compreendendo que o ser trans é somente uma das características apresentadas pelo sujeito e que essa experiência causa sofrimento, pois esbarra num contexto social que oprime e discrimina as diferenças, e busca no saber médico explicações para patologizar o que foge dos

padrões estabelecidos.

Foi preferido destacar o sofrimento psíquico da pessoa trans através da reflexão fenomenológica e sua visão de homem. Interpretando o ser transgênero como fenômeno que se apresenta tal como é, sendo este um ente, e que a partir daí se estabelece uma relação deste ente com o seu ser. Então, compreende-se que o sexo que se destaca biologicamente em seu corpo diz respeito a sua questão ôntica porém isso não constitui sua condição ontológica, sua subjetividade, entendemos que só se pode perceber o ser diante o olhar minucioso decorrente da análise de um determinado ente. Que não há como sobrepor a terminação de um ente sobre seu ser, pois é somente a partir do ser que o ente alcança determinação. Para clarificar as indagações que afligem o ser transgênero faz-se oportuna a reflexão que “O ser é sempre o ser de um ente” (HEIDEGGER, 1927, p. 44).

Numa compreensão didática exercer o direito de se mostrar conforme sua identidade de gênero é constituísse dentro da sociedade. Considerando que a opressão desta identidade suscita sofrimento por não poder viver de acordo com seu ser.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cleni, et al. Psicologia e transtorno de identidade de gênero. **Revista Técnico Científica do IFSC**, v. 1, n. 5, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/rtc/article/view/1244/788>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5)**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
ARÁN, Márcia. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo- Gênero. **Âgora**, Rio de Janeiro. v. IX, n. 1. 2006.

ARÁN, Márcia; ZIDHAFT, Sérgio; MURTA, Daniela. Transexualidade: Corpo, subjetividade e saúde coletiva. **Psicologia e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2008.

ÁVILA, Simone; GROSSI, Miriam Pillar. Transexualidade e movimento transgênero na perspectiva da diáspora queer¹. In: Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura. 5., 2010, Natal. Anais... Natal: Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividade. 17 p.

BENTO, Berenice. A diferença que faz diferença: Corpo e subjetividade na transexualidade. **Bágoas**: Revista de estudos gays, São Paulo, v. 3, n. 4, 2009.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense. 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DUTRA, Elza; ROEHE, Vial Marcelo. **Dasien, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano**. 2014. Faculdade de Medicina de Carreira de Bogotá – Columbia, Bogotá. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-47242014000100008> Acesso em: 08 de Mai. de 2017.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 2, 2010.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. 2. ed. Brasília: Autor, 2012. (Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião).

LIMA, Fátima. **Corpos, Gêneros, Sexualidades**: Políticas de subjetivação. 2. ed. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014.

LOURO, Guaracira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MERLEI-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. Tradução de Carlos Roberto de Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORAIS. Antônia Nathalia Duarte de. **Travestis na atenção primária**: o cuidado em saúde na cidade de natal. 2014. 212 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Natal, 2014.

MORENO, Bruna Sanches. Representações da Identidade transexual. **Língua, Literatura e Ensino**, v. 5, 2010.

PEREIRA, Carolina Grant. Bioética e transexualidade: Para além da patologização, uma questão de identidade de gênero. **Trabalho publicado nos anais do XIX Encontro Nacional Conpedi**. Fortaleza, 2010.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODRIGUEZ, Ana MaríaMújica. **Experiências de atenção à saúde e percepções das pessoas transgênero, transexuais e travestis sobre os serviços públicos de saúde em Florianópolis/SC**. 2013 – 2014. 183 f. Dissertação(mestrado) – Centro de Ciência da Saúde. Programa Pós Graduação da Saúde Coletiva, Universidade Federal de Santa Catarina. 2014.

SILVA, Moisés Fernandes de Araújo et al. Considerações acerca do fazer psicológico frente à transexualidade: Uma análise psicossocial. **VII Congresso Internacional de estudos sobre a diversidade sexual e de gênero da ABEH**. 2013.

SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA DA AEDB, 11. 2014, Resende-RJ. **O preconceito e a discriminação de transgêneros no processo de recrutamento e seleção de pessoal: uma revisão bibliográfica**. Rio de Janeiro: AEDB, 2014. Disponível em <<http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/36520376.pdf>> Acesso em: 17 de Mar. de 2017.

SIROTHEAU, Marília Brelaz; PINHEIRO, Maria das Dores carneiro. Trasexualidade: A vivência dos sofrimentos da pessoa que reivindica ser aceita pelo gênero que pertence, independente da realização da cirurgia de transgenitalização. **Revista de Publicação Acadêmica da Pós- Graduação do IESPES**. 2016.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero. **SciELO**, Campinas, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a07.pdf>> Acesso em: 17 mar. 2017.

WAIMER, Mateus et al. Do gênero à identidade: uma revisão teórica em debate sobre pessoas transgênero. **Revista em Foco**, Fundação Esperança/IESPES, v. 2, n. 24, p. 70-82, abr. 2016. Disponível em: <<http://iespes.edu.br/revistaemfoco/index.php/Foco/article/view/63/54>>. Acesso em: 12 mar. 2017.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu _____, nacionalidade _____, estado civil _____, profissão _____, e-mail _____ curso de _____, matrícula _____, residente na Rua _____, nº _____ Bairro, _____ Cep: _____ portador do RG n.º _____ – _____, inscrito no CPF sob o n.º _____ na qualidade de titular dos direitos morais e patrimoniais de autor da obra sob o título _____

_____, apresentado no UNI RN, em ____/____/____ com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Sob a orientação da Professor(a) XXXXXXXXX, e-mail XXX, CPF sob o nº XXXXXXXX.

1. () AUTORIZO o Curso de Psicologia UNI RN, a publicar meu TCC em formato de artigo fazendo referência aos direitos autorais em publicações internas do curso ou periódicos a que meu orientador de ensino possa submeter.

2. () NÃO AUTORIZO o Curso de Psicologia UNI RN, a publicar meu TCC em formato de artigo fazendo referência aos direitos autorais em publicações internas do curso ou periódicos a que meu orientador de ensino possa submeter.

Natal/RN, _____ de _____ de 2017.

Assinatura do aluno/autor

Orientador (a)